



Rodrigues, Cristiana Vasconcelos, “Poesia e Liturgia”, in *Livro Cinzento - labOratorio 2019*, Braga, Editorial Frente e Verso, 2019, pp.15-17. ISBN 978-989-98322-8-2 [provas de edição]

## Poesia e Liturgia

Cristiana Vasconcelos Rodrigues

Em 2010, a Capela de Nossa Senhora da Bonança, mais conhecida por Capela do Rato, celebrou o dia de Pentecostes com a estreia de uma missa escrita pelo compositor João Madureira (n. 1971) e interpretada pelo *consort* Sete Lágrimas. Uma das singularidades desta obra de João Madureira é o convívio de textos alheios à liturgia com textos próprios da liturgia do Pentecostes; ou seja, algumas das orações da liturgia, cantadas em latim (Kyrie, Gloria, Alleluia, Sanctus e Agnus Dei), convivem com textos escolhidos de Teixeira de Pascoaes, de José Augusto Mourão, de Maria Gabriela Llansol, de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Mário Cesariny, no lugar de outros momentos próprios da liturgia (cânticos de entrada e saída, ofertório, e sequência de Pentecostes). Alfredo Teixeira, num texto sobre esta Missa de Pentecostes publicado no Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura (“O Pentecostes da música: para além dos catálogos”, em 10.06.2014), aponta precisamente para uma questão, a meu ver crucial, relacionada precisamente com a excessiva catalogação que nos desvia o olhar do que será, talvez fundamental reter para a nossa sessão do labOratório sobre a relação da poesia com a liturgia: quais as possibilidades da linguagem para dar voz à nossa experiência religiosa, hoje? Ou: até que ponto a poesia oriunda do espaço dito não religioso nos ajuda a viver a liturgia e as práticas religiosas propriamente ditas? Por ocasião da edição em CD desta *Missa de Pentecostes*, de João Madureira (2010), tive a oportunidade de publicar uma breve reflexão sobre os textos poéticos incluídos nesta obra, apontando para a hipótese de pensarmos “sobre esta missa como algo que perturba ao deixar entrar uma multiplicidade de enunciados, que se desdobram e citam outros, que se relacionam entre si, enfim, uma missa que traz um ruído inesperado, e que não parece preocupar-se com os efeitos desse ruído no corpo inconsútil da liturgia. Se pensarmos na arte, hoje, e no tempo que vivemos, este estilhaçar do enunciado litúrgico (que estamos habituados



a viver como um só corpo) torna tudo isto estranho, mas também aliciante, porque nos chama a visitar, sob uma outra luz, o que sempre aí se diz, assim como também essa nova luz, trazida pelas vozes alheias a esse corpo, sai enriquecida, tocada pelo gesto de oração e de comunhão que à liturgia pertencem.” (“A Voz Plural. Os textos cantados na Missa de Pentecostes, de João Madureira”, *Viragem*, nº 62, Julho-Dezembro de 2010, p.46).

Numa sessão que se pautará sobretudo pela leitura comentada de poemas, vamos tentar visitar os lugares habitados pela poesia litúrgica a partir de alguns autores, a saber: Didier Rimaud, José Tolentino Mendonça, Gerard Manley Hopkins, Sophia de Mello Breyner Andresen, José Augusto Mourão, E. E. Cummings, Daniel Faria e Rainer Maria Rilke. Tentaremos fazer uma breve apresentação de cada poeta, orientada para o que nos traz a toda esta sessão do **labOratório**, mas sobretudo vamos ter a oportunidade para ler a sua produção, para focarmos a nossa atenção nos textos que escrevem. A escolha destes poetas não obedeceu a um critério sistemático; digamos que houve algum cuidado em ir ao encontro de alguns nomes que, além da escrita poética, têm a experiência do sacerdócio, a par de outros nomes que experimentam a relação com deus, não por uma prática religiosa que obedece a determinados procedimentos formais ou rituais, mas precisamente no contexto do exercício da escrita poética (que tem naturalmente envolvidas outras questões). As possibilidades de escolha são imensas, e portanto é sempre muito violento escolher uns em detrimento de outros, mas creio que teremos uma boa base de trabalho a partir destes nomes, na esperança de que poderemos em futuras ocasiões trabalhar com outros poetas.

Na liturgia vamos ao encontro da poesia em ato, digamos, ou da poesia em diálogo estreito com o ritual, num contexto muito próprio da nossa relação com deus, que envolve duas dimensões importantes - a dimensão da oração, e a dimensão do colectivo, da comunidade. Por seu turno, um dos aspectos importantes da oração em contexto litúrgico é precisamente o encontro do indivíduo (munido do seu próprio aparato espiritual) com a comunidade a que pertence ou que o acolhe. A poesia (litúrgica) serve de forma particular esta relação entre individual e colectivo, que não é sem tensão, na celebração litúrgica. Pode servir, por um lado, a afirmação humana de uma confiança



em Deus, que é reafirmada em momentos diversos e em contextos vários da celebração litúrgica, e pode também servir, por outro, como reflexo da indagação humana sobre essa mesma confiança, afirmando sobretudo o seu mistério, que na liturgia encontra também o seu devido lugar. Trata-se, definitivamente, da possibilidade de pensarmos a condição do humano e a sua relação com o divino. A escolha do *corpus* de poemas vai ser norteada por esta mesma tensão e suas implicações. Tentaremos duas vias de aproximação de todas estas questões: uma via que parte dos lugares litúrgicos, para os relacionar com a poesia, ao nível temático e semântico; e outra via, que devolve aos lugares litúrgicos possibilidades eventualmente novas de relação, pela poesia, não escamoteando o lado mais plástico e formal do exercício linguístico, ou seja, tentando esgotar também o potencial expressivo da linguagem poética como potência para novos sentidos. Tentaremos exercitar um olhar atento a todas estas frentes do acontecimento poético e litúrgico, com o intuito de nos abirmos às muitas possibilidades expressivas de um poema.

Termino este resumo com as palavras da italiana Cristina Campo, num interessante ensaio sobre “Atenção e poesia”: “Poesia também é atenção, leitura em múltiplos planos da realidade à nossa volta, que é a verdade em imagens. E o poeta, que vai decifrando e recompondo essas imagens, é também um mediador: entre o homem e o deus, entre o homem e o outro homem, entre o homem e as regras secretas da natureza” (“Atenção e poesia”, in *Os imperdoáveis*, Lisboa, Assírio & Alvim, p.174).